

ID: 119016991

07-09-2025

# Milei enfrenta peronismo em Buenos Aires com corrupção a ensombrar o seu Governo

As legislativas da província de Buenos Aires são vistas como termómetro para as eleições nacionais de Outubro

Ana Brito

Os cerca de 14 milhões de eleitores da província de Buenos Aires são hoje chamados às urnas para uma eleição que muitos encaram como um termómetro para as legislativas nacionais de Outubro.

Num terreno em que vence tradicionalmente o peronismo, representado em todas as suas variações na coligação Fuerza Patria, encabeçada pelo actual governador de Buenos Aires, Axel Kicillof (ex-ministro de Cristina Kirchner), o partido do Presidente Javier Milei, o La Libertad Avanza (LAA) vai a votos aliado ao Propuesta Republicana (PRO) com umas listas elaboradas pela sua irmã, Karina Milei, a secretaria-geral da Presidência, que é o rosto mais mediático de um recente escândalo de corrupção cujo impacto nas urnas ainda é incerto.

A província representa mais de um terço do eleitorado argentino e nas oito secções eleitorais (cada uma representando vários municípios) vão renovar-se 46 lugares de deputados do parlamento provincial (de um total de 92) e 23 lugares de senadores (de um total de 43). Quatro renovam deputados e outras quatro, senadores.

O número de votos determina a conquista de mandatos e por isso, na quarta-feira, quando encerrou a campanha, com um comício em lugar fechado e rodeado de “uma impressionante operação de segurança” (depois do evento em que teve de ser retirada à pressa devido ao arremesso de pedras), Milei reconheceu que “há um empate técnico” entre as duas principais forças políticas e apelou aos seus apoiantes que vão votar.

“Hoje, mais do que nunca, o voto de um único indivíduo pode fazer a diferença. Para os kirchneristas este cenário é aterrador, por isso estão dispostos a tudo para inclinar a balança”, disse o Presidente Milei, citado pelo *La Nación*.

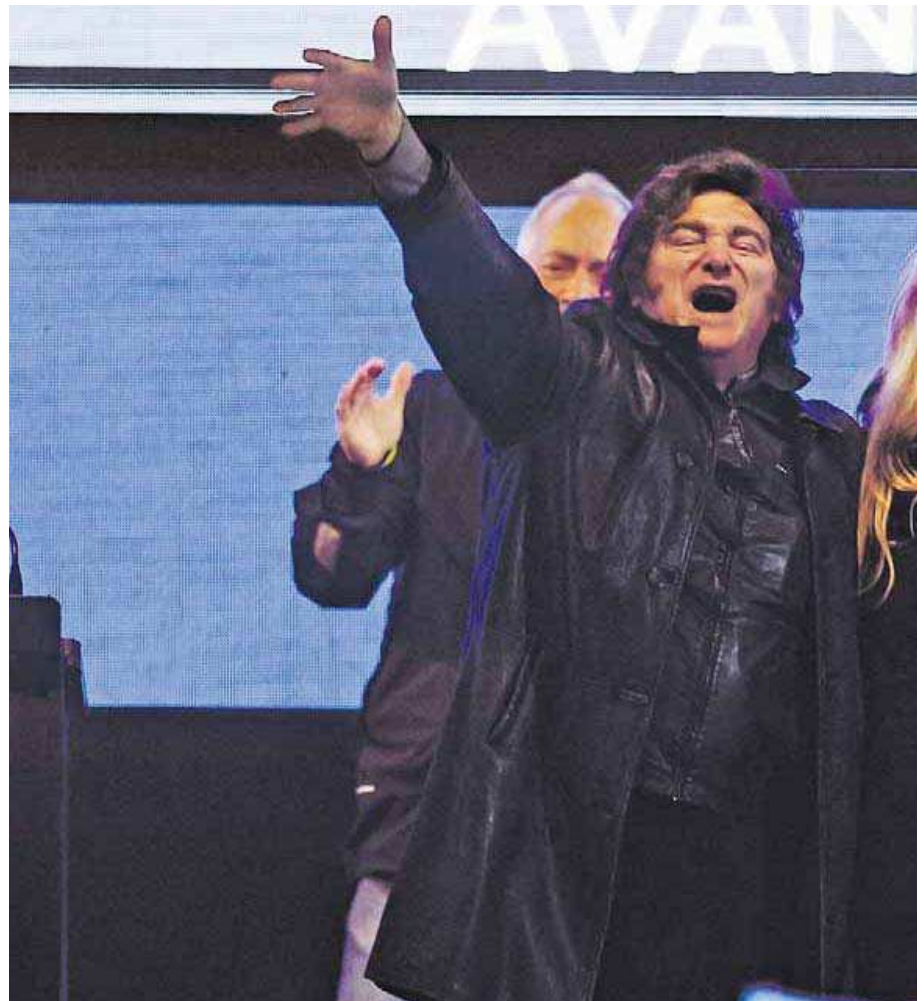
Num evento com “baixa assistência e ambiente tenso”, segundo descreveu o jornal digital Diário Contexto, Milei defendeu a irmã - associada ao escândalo de recebimento de subornos na compra de medicamentos para a entidade pública que apoia as pessoas com deficiência - e acusou a oposição de lançar “operetas e injúrias” para ganhar terreno.

“Em desespero total, atiram-se à família. Imaginem como devem estar as coisas na província de Buenos Aires que até se meteram com a minha irmã. Estão mesmo assustados e no domingo vamos pintar-lhes a província de violeta”, disse Milei a cerca de duas mil pessoas que, segundo o jornal *Clarín*, o foram ouvir.

Alguns analistas na imprensa argentina dizem que aquilo que irá a votos este domingo é a governação de Milei. No *La Nación*, escreve-se que foi o próprio Presidente quem consolidou essa ideia esta semana, numa entrevista a Louis Sarkozy, filho do ex-Presidente francês.

“Se conseguirmos bons resultados nas eleições da província de Buenos Aires, poderemos estar a dar o golpe final no kirchnerismo”, disse Milei, tornando legítima a pergunta sobre que leitura se deverá fazer então se o resultado decepcionar.

“Em termos políticos, as eleições não vão definir nada, mas logicamente são importantes para a luta de narrativas que vier a seguir para a campanha de Outubro” diz ao



**Milei acusa a oposição de conspirar para envolver a irmã num escândalo de subornos**

PÚBLICO, o investigador no Centro de Estudos Internacionais do Iscte (CEI-Iscte) Marcelo Moriconi.

Se o LLA for derrotado por pouco, Milei “pode sempre dizer, ‘olha, estevemos próximos’, num local histórico do peronismo”.

Mas se a derrota for significativa ou se houver uma grande abstenção, aí a leitura já pode ser de âmbito nacional e podemos questionar-nos se o Governo está tremido “porque começa a haver instabilidade econômica, o esforço é muito grande para controlar o câmbio do dólar e os casos de corrupção que têm aparecido envolvem pessoas muito próximas do Milei”, refere Moriconi.

Se calhar é sinal de que “a cartabranca que lhe foi dada” no início e que as vistas grossas que se fizerem “em situações controversas como a da [criptomoeda] Libra” podem não se vir a repetir.

“O personagem Milei que chegou à presidência, sempre foi muito verborágico, insultando e disparando contra tudo, mas agora começa-se a notar um certo nervosismo e ansiedade

reais” porque aos olhos da opinião pública já começam a ser postas em causa “pessoas muito próximas e dentro da estrutura do Governo”, diz o investigador.

É importante notar, acrescenta Moriconi, que nunca se afirmou que os áudios que apareceram na comunicação social sobre subornos “são falsos ou resultado de inteligência artificial”. Ou seja, “aqui há questões reais” com que Milei tem de lidar.

**“Milei continua a ter tempo”**

Quando conseguiu baixar a inflação de valores de três dígitos para os cerca de 30% que agora são esperados para o ano de 2025, Milei trouxe à população argentina a possibilidade de “poder voltar a planificar o seu dia-a-dia e a sua vida familiar” e essa previsibilidade económica é importante para o cidadão comum.

“Antes recebias o salário e tinhas que ir gastá-lo imediatamente, porque no dia seguinte podia já não dar para nada. Agora não”, explica Marcelo Moriconi. “Isso dá uma tranquilidade muito grande às pessoas e

“**Em termos políticos, as eleições não vão definir nada, mas importam para a luta de narrativas que vier a seguir**”

**Marcelo Moriconi**  
Professor e investigador do ISCTE



também é isso que faz com que Milei continue a ter tempo”, refere o investigador, lembrando que “é nos sectores mais pobres, e entre os jovens, homens”, que continua a estar o seu maior número de eleitores.

Mas isso não muda o facto de 50% da economia argentina ser informal, de o peso ser totalmente volátil, de os cofres públicos continuarem vazios (mantém-se o famoso “No hay plata” de quando Milei tomou posse, em Outubro de 2023), de os argentinos continuarem a não confiar nos bancos e a preferir ter os seus dólares em casa e de o país ainda ser “muito caro” e “pouco competitivo”, sintetiza o professor e investigador.

As pessoas podem ter mais poder de compra e há dados que mostram que uma parte significativa da população saiu da pobreza, mas “é preciso dar o salto seguinte para a economia começar efectivamente a melhorar”.

Milei ainda não conseguiu fazer todas as reformas que propôs – por exemplo, a reforma fiscal e a reforma do mercado de trabalho, para reduzir

os custos do emprego e limitar os incentivos à contratação informal.

Se não tiver mais nada para mostrar aos eleitores e se, em simultâneo, começarem a surgir novos escândalos de corrupção, pode ficar em maus lençóis, por isso é que “uma vitória em Outubro lhe daria uma legitimidade muito grande” para a segunda metade do mandato (que termina em Dezembro de 2027), frisa Moriconi.

É preciso levar em conta que o Presidente tem apenas cerca de 15% dos delegados do Congresso argentino e que em Julho perdeu o apoio dos governadores de província o que fez com que a oposição conseguisse ver aprovadas medidas que implicam um aumento da despesa com pensões e educação pública, pondo em causa os objectivos de excedente orçamental de Milei.

Na prática, isso também pode mostrar aos investidores e credores – essenciais para que a economia argentina tenha capacidade de se financiar, gerar riqueza e crescer –, que Milei não consegue levar avante o plano de reformas que anunciou.